

PANDEMIA DE COVID-19 COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO NO CAMPO RELIGIOSO

COVID-19 PANDEMIC AS A DISCURSIVE EVENT IN THE RELIGIOUS FIELD

LA PANDEMIA DEL COVID-19 COMO EVENTO DISCURSIVO EN EL CAMPO RELIGIOSO

Nayara Gleyce Prates Amorim Santos

E-mail: nayaraprates.as@gmail.com | Orcid.org/0000-0001-7944-4138

Edvania Gomes da Silva

E-mail: edvaniagsilva@gmail.com | Orcid.org/0000-0002-6201-7583

Como citar este artigo:

SANTOS, Nayara Gleyce Prates Amorim; SILVA, Edvania Gomes da. Pandemia de covid-19 como acontecimento discursivo no campo religioso. **Desafios. Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. Palmas, v. 12, n. 6, p. 274-294, 2025. DOI: https://doi.org/10.20873/2025_jul_16827 274

ABSTRACT:

In this article, we present the results of a research that aimed to analyze the COVID-19 pandemic as a discursive event in the religious field, verifying which discourses are materialized in the statements of religious groups and which memories are resumed and updated in the face of the pandemic. The corpus is composed of texts that circulated in digital media, from March 2020 to March 2021, and that deal with the relationship between religious discourse and the pandemic. The hypothesis is that the historical event of the COVID-19 health crisis was also configured as a discursive event, which resumes different memories, linked to subject positions that refer both to the religious field and to the medical-scientific and economic fields. In the analyses, we used the theoretical assumptions of the French School of Discourse Analysis, presented in the works of Michel Pêcheux. The results confirm the hypothesis that the historical event of the COVID-19 health crisis was configured as a discursive event in the religious field, as it established new sayings and allowed shifts of meaning, linked to different subject positions.

KEYWORDS: *Discursive event; COVID-19; Memory; Religion.*

RESUMO:

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a pandemia de COVID-19 como acontecimento discursivo no campo religioso, verificando quais discursos estão materializados nos enunciados de grupos religiosos e quais memórias são retomadas e atualizadas ante à pandemia. O corpus é composto por textos que circularam nas mídias digitais, no período de março de 2020 até março de 2021, e que tratam da relação entre discurso religioso e pandemia. A hipótese é de que o acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19 se configurou, também, como acontecimento discursivo, que retoma diferentes memórias, vinculadas às posições-sujeito que remetem tanto ao campo religioso quanto aos campos médico-científico e econômico. Nas análises, recorremos aos pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, apresentados nos trabalhos de Michel Pêcheux. Os resultados confirmam a hipótese de que o acontecimento histórico da crise sanitária de COVID-19 configurou-se como acontecimento discursivo no campo religioso, pois instaurou novos dizeres e permitiu deslizamentos de sentido, vinculados a diferentes posições-sujeito.

PALAVRAS CHAVE: *Acontecimento Discursivo; COVID-19; Memória; Religião.*

RESUMEN:

En este artículo presentamos los resultados de una investigación que tuvo como objetivo analizar la pandemia de la COVID-19 como un evento discursivo en el campo religioso, verificando qué discursos se materializan en los enunciados de los grupos religiosos y qué memorias se retoman y actualizan en el rostro de la pandemia. El corpus está compuesto por textos que circularon en medios digitales, de marzo de 2020 a marzo de 2021, y que abordan la relación entre el discurso religioso y la pandemia. La hipótesis es que el hecho histórico de la crisis sanitaria de la COVID-19 se configuró también como un hecho discursivo, que retoma distintas memorias, vinculadas a posiciones de sujeto que remiten tanto al campo religioso

como al campo médico-científico y económico. En los análisis, utilizamos los presupuestos teóricos de la Escuela Francesa de Análisis del Discurso, presentados en los trabajos de Michel Pêcheux. Los resultados confirman la hipótesis de que el hecho histórico de la crisis sanitaria de la COVID-19 se configuró como un hecho discursivo en el campo religioso, pues instauró nuevos dichos y permitió cambios de sentido, vinculados a distintas posiciones de sujeto.

PALABRAS CLAVE: *Evento discursivo; COVID-19; Memoria; Religión.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, defendemos que o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus¹, se constitui também como acontecimento discursivo no campo religioso, pois instaura uma relação tensa com a memória, construindo novos dizeres e novos sentidos nos enunciados de grupos religiosos que tratam da referida pandemia. O *corpus* do trabalho é composto por textos que circularam nas mídias digitais, no período de março de 2020 até março de 2021, e que tratam da relação entre discurso religioso e pandemia. Tal recorte temporal compreende o período em que são postos em circulação os primeiros textos acerca da pandemia e vai até um ano após a publicação desses primeiros textos.

Nas análises, recorreremos ao arcabouço teórico da Escola Francesa de Análise de Discurso, mais especificamente, aos conceitos de discurso, acontecimento discursivo e memória, conforme apresentados em Pêcheux (2015 [1983]; 2014a[1975]; 1999 [1983]).

METODOLOGIA

Pêcheux (2015 [1983]) define discurso como estrutura e acontecimento. Para tanto, o autor discute a constituição do marxismo, apresentado por ele como uma nova ciência régia; problematiza a noção do real, indicando a existência de dois diferentes espaços discursivos; e inicia o texto explicando a relação entre acontecimento discursivo e memória, por meio da análise do enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”], que atravessou a França no dia 10 de maio de 1981. Segundo o autor, o acontecimento histórico da vitória presidencial de François Mitterrand é também um acontecimento discursivo, pois marca o “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015 [1983], p. 16). Pêcheux (2015 [1983]) defende que há um deslocamento do enunciado “On a gagné” do domínio esportivo para a esfera política. Esse enunciado, ainda segundo o referido autor, é, do ponto de vista de sua estrutura sintática, o mesmo, tanto quando se refere a uma partida esportiva, como quando circula na esfera política. Contudo, no caso do campo esportivo, o referido enunciado vincula-se a um universo logicamente estabilizado, regido por uma estrutura lógica e supostamente inquestionável (ganhou ou não ganhou), ao passo que, no espaço do acontecimento político, tal enunciado é atravessado pela opacidade da língua, dando

¹ “SARS-CoV-2: vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como ‘novo coronavírus’” (Instituto Butantan [2020?]).

lugar ao equívoco, ao deslizamento de sentido, e possibilitando questionamentos do tipo “ganhamos o quê, como e por quê?” (Pêcheux, 2015 [1983], p. 24).

Esses enunciados a que Pêcheux (2015 [1983]) chama de “irremediavelmente equívocos” permitem-nos supor que: “[...] no interior do que se apresenta como universo físico-humano [...], ‘há real’, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser ‘assim’. (O Real é o impossível...que seja de outro modo) (Pêcheux, 2015 [1983], p.29, grifos do autor).

Para Pêcheux (2015 [1983]), é importante considerar o que é da ordem da estrutura e o que é da ordem do acontecimento. E o real, que é principalmente da ordem do acontecimento, apesar de poder se materializar nos espaços de uma suposta estabilização, pode ser definido como um lugar de impossível, que marca pontos de (im)possibilidade e que escapa aos discursos constituídos de aparência logicamente estável. Sendo assim, o domínio de técnicas das ciências da natureza lida com o real de forma a instrumentalizá-lo, buscando um conhecimento estabilizado que visa à gestão de técnicas científicas que implicam “o uso regulado de proposições lógicas (Verdadeiro ou Falso) [...]” (Pêcheux, 2015 [1983], p. 31, grifo do autor).

Ainda segundo Pêcheux (2015 [1983]), é difícil determinar a fronteira entre o logicamente estabilizado e o do irremediavelmente equívoco. Isso porque, há, entre esses dois espaços, uma zona intermediária de processos discursivos, derivada do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana, a qual impede que se possa indicar de forma precisa o limite entre eles. Nesta região discursiva intermediária, os sentidos têm caráter oscilante, escapando à representação e às tentativas de estruturação.

Além disso, para Pêcheux, o discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais em que irrompe, mas, pelo contrário, “só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (Pêcheux, 2015 [1983] p.56). Nessa perspectiva, o acontecimento discursivo funciona como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015 [1983], p. 16). Dessa forma, o acontecimento passa a fazer sentido pela atualidade que faz retorno pela memória, ou seja, as formulações fazem sentido quando o interdiscurso (memória) se encontra com intradiscurso (atualidade). E é nesse ponto de encontro que se instaura o efeito de memória, possibilitando que os sentidos deslizem e se transformem. Para o autor, o interdiscurso especifica as condições em que: “[...] um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna no

espaço potencial de uma coerência próprio a uma memória”(Pêcheux, 1999 [1983], p. 49-50, grifos do autor).

Essa relação com a memória é importante não só para noção de acontecimento discursivo, mas também para toda e qualquer discussão que considere o discurso. É por isso mesmo que a reflexão sobre a memória sempre esteve presente no quadro teórico da Análise de Discurso. A esse respeito, Orlandi argumenta que é a memória que “torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (Orlandi, 2020 [1999], p. 29).

Pêcheux (1999 [1983], p. 52) trata a memória como aquilo que “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Isso mostra que, para a AD, a memória discursiva pode atualizar-se em uma dada materialidade, retomando pré-construídos e implícitos “ausentes por sua presença” (Pêcheux, 1999 [1983], p. 52). É assim que os efeitos de memória ocorrem, estabelecendo, segundo Pêcheux (1999 [1983]), uma regularização discursiva por meio da paráfrase: uma espécie de substituição orientada que ocorre quando dois termos ou duas expressões são apresentados/as como termos/expressões intercambiáveis ou substituíveis “em função de um contexto dado” (Pêcheux e Fuchs, 2014 [1969], p. 94). Para explicar melhor esse tipo de “substituição”, o autor recorre ao exemplo das palavras “brilhante”, representada pela incógnita “x”, e “notável”, que é apresentada por Pêcheux como “y”. Ele defende que esses dois lexemas são substituíveis em alguns contextos, mas não em outros. Vale salientar que o que é apresentado aqui como “contexto” é, para usar o próprio conceito que estamos discutindo aqui, paráfrase de “discurso”.

Ainda segundo o referido autor:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”: em outro termos, um sistema “natural” não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos podem se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua(Pêcheux e Fuchs, 2014 [1969], p. 96).

Para Pêcheux, a memória funciona, sob o peso do acontecimento discursivo novo, a partir de um jogo de forças que tanto pode instaurar a “estabilização parafrástica” do acontecimento, como pode possibilitar a “desregulação” e a

“perturbação” dos “implícitos” (Pêcheux, 1999 [1983], p. 52). Desse modo, sob os processos de repetibilidade, a memória é reinscrita nas materialidades significantes. A repetição, para a AD, não diz respeito a replicar dizeres, palavra por palavra, mas é da ordem da ressignificação, da movência de sentidos, pois, conforme Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 2015 [1983] p.53). Ainda sobre a noção de repetibilidade, Indursky (2011, p. 70), destaca que “[...] se há repetição é porque há retomada/regulização de sentidos que vão constituir uma memória que é social”. Nesse sentido, o processo de repetibilidade tanto pode cristalizar/regularizar como, também, pode desviar/alterar os sentidos. É ainda Pêcheux (1999 [1983], p. 56) que trata dessa aparente contradição, ao afirmar que a memória constitui “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”.

O acontecimento discursivo instaura uma tensão entre os processos de repetibilidade (memória) e de ruptura (novo), produzindo novos sentidos do mesmo enunciado. É nessa perspectiva que Indursky (2003, p. 107) afirma que “um acontecimento discursivo rompe com a ordem do repetível, instaurando um novo sentido, mas não consegue produzir o ‘esquecimento’ do sentido-outro, que o precede”. Nessa perspectiva, o acontecimento discursivo da pandemia de COVID-19 não pode ser contido dentro da regularidade dos discursos tomados como uma ordem de sentidos já estabilizados.

Importante destacar que tanto o discurso quanto a memória e o acontecimento discursivo funcionam na relação com o sujeito do discurso. Dessa forma, a noção de sujeito é fundamental para a AD e foi também problematizada nos trabalhos de Pêcheux.

Pêcheux (2014a [1975]) questiona as evidências fundadoras da semântica, propondo uma reconfiguração na noção de sujeito. Tal reconfiguração fundamenta-se na relação entre ideologia e inconsciente. Nesse sentido, Pêcheux (2014a [1975], p. 139) defende que:

O caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas, “nas quais se constitui o sujeito” (grifos do autor).

A afirmativa acima indica que o sujeito se constitui na e pela dissimulação do real, por meio das estruturas funcionamentos. Nessa perspectiva, a evidência de que o sujeito é dono de si e a evidência do sentido enquanto existente em si mesmo são aspectos que constituem o que o referido autor chama de ilusão subjetiva. Ele defende que o indivíduo, para se constituir em sujeito do discurso, é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, produzindo, assim, a ilusão da autonomia do dizer. Portanto, o sentido das palavras não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas que se constituem no processo sócio-histórico.

A interpelação é historicamente determinada e, por isso, o sentido se constitui no interior das formações discursivas. Pêcheux (2014a[1975], p. 147) define formação discursiva, como:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (grifos do autor).

O sujeito é, portanto, constituído no processo de interpelação na/pela ideologia, e pela identificação a uma formação discursiva. Dessa forma, a ideologia produz a ilusão de transparência do sentido e a FD regula o que pode ou não ser dito em uma determinada conjuntura histórica.

O discurso dos sujeitos depende, assim, do interdiscurso, que fornece elementos pré-construídos que o sustentam. Isso reforça a tese de que a objetividade material contraditória do interdiscurso “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (Pêcheux, 2014a [1975], p.149). Ainda em relação ao interdiscurso, Pêcheux (2014a [1975]), a fim de indicar de que forma podemos mobilizar analiticamente o referido conceito-operacional, mostra o funcionamento do pré-construído e da articulação. Nas palavras do autor:

O “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso aquilo que determina a dominação da forma-sujeito (Pêcheux, 2014a [1975], p. 151).

Pêcheux ressalta que o processo de articulação se relaciona diretamente com o discurso-transverso. Nesse caso, ainda conforme o referido autor: “O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos

discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante” (Pêcheux, 2014a [1975], p. 154).

Desse modo, os elementos do interdiscurso de uma formação discursiva são retomados no discurso do sujeito. Pêcheux defende também que o interdiscurso determina o intradiscurso, processo que permite ao sujeito a atualização do já-dito e, com isso, a relação com a forma-sujeito. A forma-sujeito é, ainda segundo Pêcheux (2014a [1975]), o resultado do processo de incorporação e, simultaneamente, de dissimulação, em que o sujeito se identifica com uma formação discursiva, absorvendo os elementos do interdiscurso (memória) no intradiscurso (formulação linguística). Com isso, o indivíduo assume uma posição e passa a enunciar como sujeito da enunciação de seu ato de linguagem, isso é como sujeito-falante, ideologicamente marcado, que acredita na ficção de um sujeito originário desse ato e permite o retorno do Sujeito no sujeito.

Com base nesses postulados teóricos, compreendemos o discurso como uma estrutura historicamente determinada e também como um acontecimento, que funciona na relação entre uma memória e uma atualidade, o que se materializa na língua, fazendo funcionar as posições-sujeito que estão na base de cada discurso. Isso nos permite afirmar que a pandemia de COVID-19 surge como acontecimento histórico e, posteriormente, se constitui também como acontecimento discursivo. Nesse sentido, essa “nova” pandemia: i) rompe com uma suposta estabilidade discursiva; ii) materializa efeitos-sentido, por meio de diferentes posições-sujeito que se inscrevem na historicidade através da língua; e iii) retoma certa memória discursiva, a qual se relaciona, em alguma medida, com epidemias e pandemias anteriores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o auge da pandemia, declarações de sujeitos religiosos tiveram ampla circulação. Tais sujeitos buscavam de alguma forma garantir o domínio de seus gestos de interpretação acerca da referida crise, e acabaram por produzir uma vasta materialidade significativa passível de análise. Importante salientar que optamos por apresentar, além de publicações da grande mídia, textos publicados pelas próprias instituições religiosas que trataram, em alguma medida, de aspectos da referida crise sanitária.

A escolha pelas mídias digitais se deu pela facilidade de acesso aos dados e pela velocidade com que tais *médiuns* disseminaram informações acerca da crise sanitária da COVID-19. No *corpus*, identificamos a relação da pandemia de

COVID-19 com outras pandemias ocorridas anteriormente. Identificamos também que referida a crise sanitária produziu deslizamentos de sentido, de modo a instaurar uma nova rede de formulações no campo religioso. Os dois primeiros excertos que analisamos aqui não têm relação com o campo religioso, mas indicam como se dá a relação da pandemia de COVID-19 com outras epidemias e/ou pandemias. É o que podemos constatar no exemplo abaixo:

Excerto 1: Pandemias na história: o que há de **semelhante** e de **novo** na COVID-19. Desde janeiro de 2020, a crescente proliferação do novo Coronavírus transformou-se em um dos maiores desafios da humanidade. Entretanto, **lidar com uma pandemia infecciosa de proporções continentais e mundiais não é algo recente na história** (Sanarmed, 2020, grifos nossos).

O excerto 1 é parte de um artigo publicado por um site que tem como objetivo apresentar conteúdos para profissionais da área de saúde. O título do texto é “Pandemias na história: o que há de semelhante e de novo na COVID-19”. Esse título já indica um efeito da memória sobre a atualidade, pois estabelece uma relação entre a pandemia de COVID-19 e outras pandemias registradas pela história. No excerto, as expressões “semelhante” e “novo” marcam, na língua, o encontro entre uma atualidade e uma memória. O uso do lexema “semelhante” relaciona a pandemia de COVID-19 com outros eventos pandêmicos, e o termo “novo”, além de qualificar a citada pandemia, indica que outros acontecimentos pandêmicos já ocorreram em outros momentos da história, remetendo, portanto, a outros cenários de caos que, assim como o atual, abalaram a humanidade. Isso se mostra também na formulação “lidar com uma pandemia infecciosa de proporções continentais não é algo recente na história”. Por um lado, instaura-se algo que é novidade no atual evento pandêmico, como já indicado pela expressão “novo”, destacada no primeiro período do excerto. Mas, por outro lado, o advérbio de negação “não”, em “não é algo recente na história” funciona como uma forma de contrapor-se a um pré-construído segundo o qual a pandemia de COVID-19 seria um evento inédito enfrentado pela humanidade. Nesse caso, emerge um efeito-sentido segundo o qual há um esquecimento por parte da população acerca de outras ocorrências pandêmicas.

Vejamos, agora, o próximo excerto:

Excerto 2: A Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) é uma doença causada por um coronavírus da família SARS. O primeiro caso de SARS ocorreu em 2003 em um surto na China e se propagou por países vizinhos. Foi a primeira doença altamente transmissível do século. A SARS teve letalidade de 3% e foi **controlada com medidas de segurança** em 2003.

Com isso, os estudos para o desenvolvimento de uma vacina foram sendo deixados de lado(Instituto Butantan [2021?], grifos nossos).

Aqui, a doença SARS é apresentada como algo que pode ser controlado “com medidas de segurança”. Essa informação retoma a memória do que foi dito sobre a SARS e atualiza os dizeres produzidos na atualidade acerca da COVID-19. Ainda segundo o excerto, “medidas de segurança” podem ajudar a controlar essa pandemia, assim como aconteceu na pandemia de SARS, ocorrida em 2003. Além disso, a formulação “com isso, os estudos para o desenvolvimento de uma vacina foram sendo deixados de lado” provoca uma ruptura entre a memória da doença SARS e a COVID-19.

O excerto a seguir é parte de um artigo publicado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), portanto, marca um outro lugar discursivo – o do discurso religioso – que também produziu enunciados acerca da crise sanitária da COVID-19.

Vejamos.

Excerto 3: É inegável que as redes sociais tenham recebido um impulso inesperado desta **praga do COVID-19**. Nestes dias de fechamento de nossas igrejas e cancelamentos de tantas atividades pastorais, **surgiu uma nova forma da Igreja doméstica, da Igreja do lar** que aprendeu a ser uma comunidade viva, unida e orante, **porém de forma virtual. É o novo modo de evangelização** na cultura urbana. **É um sinal dos novos tempos modernos: comunidade virtual** (Costa, 2020, p. 1, grifos nossos).

O excerto destaca a necessidade, diante do quadro pandêmico, de se estabelecer uma relação entre o Evangelho de Jesus Cristo e a tecnologia digital. No primeiro período do excerto, a COVID-19 é apresentada como “praga”. Nesse caso, está em funcionamento uma memória sobre os sentidos de praga, que estão ligados ao discurso religioso sobre a narrativa bíblica das dez pragas do Egito². A discursivização da COVID-19 como uma “praga” retoma sentidos ligados ao discurso religioso e materializa um discurso anticientífico. Desse modo, a expressão “praga do COVID-19” produz o efeito-sentido de maldição, de castigo de Deus sobre a humanidade.

Além disso, vemos, na expressão “uma nova forma de igreja doméstica, da igreja do lar”, o uso do adjetivo “nova”, que indica algo que é novidade na rotina das comunidades cristãs, em decorrência do acontecimento pandêmico, e um modo

² De acordo com a narrativa bíblica: “Essas terríveis pragas tinham por objetivo conduzir Faraó ao arrependimento e revelar que Yahweh é o único verdadeiro Deus, o Rei soberano do universo”(Bíblia.com).

diferente de formulação sobre a igreja (templo). O templo religioso que é, segundo a fé cristã, o lugar de comunhão com Deus, perde a sua utilidade prática, e a “casa” e o “lar” assumem o lugar dessa comunhão. Vemos, nessas formulações, que há, em alguma medida, uma ruptura com uma memória segundo a qual o templo é a casa do Senhor, o que produz o efeito-sentido de que o lugar de comunhão com Deus é a igreja. Ao mesmo tempo, as formulações “igreja doméstica” e “igreja do lar” retomam uma memória segundo a qual Deus não habita em templos feitos por homens³.

Outro aspecto interessante é observar que tais formulações indicam que há a instauração de dois efeitos-sentido acerca de igreja: a igreja (templo), casa do Senhor, edifício sagrado; e a igreja⁴ (povo), povo de Deus, Corpo de Cristo. Podemos verificar que ambas mantêm a mesma forma linguística “igreja”, mas com efeitos-sentido diferentes. Dessa forma, o excerto nos mostra que a materialidade linguística de “igreja do lar” e “igreja doméstica” produz o efeito-sentido de igreja (povo), rompendo com os sentidos materializados no enunciado igreja (templo). De acordo com Indursky, estamos, pois, face a uma ruptura que é feita sobre a deriva dos sentidos, a partir de uma mesma forma linguística que produz duas materialidades discursivas diferentes” (Indursky, 2003). Isso reforça a tese da AD de que os sentidos de igreja deslizam, se transformam, porque são historicamente construídos.

Cabe lembrar também que, antes do acontecimento pandêmico, ficar em casa aos domingos de cerimônia, cultos sagrados, não era bem visto por parte da igreja (instituição), uma vez que para estar em comunhão com Deus é necessário que os membros frequentem a casa do Senhor. No entanto, dentro do contexto pandêmico, um novo enunciado acerca do “lar” passou a produzir sentidos. Agora, o lar produz o efeito-sentido de templo, de lugar de comunhão e encontro com Deus. Com isso, associa-se à expressão lar as formulações “igreja do lar” e “igreja doméstica”.

Ainda no excerto 3, vemos que o operador argumentativo “porém”, na formulação, “porém de forma virtual”, além de estabelecer uma oposição entre “que aprendeu a ser uma comunidade viva, unida e orante” e a formulação “de forma virtual”, marca a instauração de outra nova forma de se conectar com o divino. Com isso, constatamos também a emergência de um favorável ao suposto avanço tecnológico, uma vez que um “novo modo de evangelização” só pode ser efetivado devido à possibilidade do virtual. Assim, a Internet apresenta-se como ferramenta

³ Segundo o versículo bíblico: “O Deus que fez o mundo e tudo que o que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas” (Atos 17:24).

⁴ “A Igreja é o Corpo de Cristo. É preciso entender que quando celebramos a ceia, comemos do pão e bebemos do cálice, fazemos parte do Corpo. [...]. Nós somos a Igreja do Senhor” (O Tempo, 2014).

imprescindível para que “igrejas domésticas” se conectem entre si, unindo pessoas, grupos, comunidades para orar e manter a comunhão com Deus.

Outro dado interessante é a formulação “é um sinal dos novos tempos modernos: comunidade virtual”. O efeito dessa construção materializa uma relação, por meio da memória, com um pré-construído segundo o qual a internet representa um dos sinais do fim dos tempos. Tal formulação indica que “sinal de novos tempos” parafraseia “sinal do fim dos tempos”. O enunciado “sinal de novos tempos” pode ser desdobrado em paráfrase como: *o uso da tecnologia/internet representa uma boa nova e não é um sinal do fim dos tempos*. Assim, um efeito de sentido é tomado por outro efeito de sentido, indicando que ocorreu um deslizamento de sentidos, instaurando um movimento de contra-identificação com os saberes para os quais a internet representa um dos sinais do fim dos tempos, saberes esses inscritos no discurso escatológico. Vale salientar, ainda, que, vinculada a esse deslizamento de sentido, ressoa a memória de demonização do uso da internet, feita pela igreja num dado momento, e tal memória é projetada no enunciado “sinal de novos tempos”. Trata-se, pois, de uma presença-ausente que, por isto mesmo, se faz pressentir, mais que ouvir” (Indursky, 2011, p. 105). Nesse sentido, é o efeito de memória que permite ao sujeito materializado no/pelo enunciado retomar e reconfigurar o efeito-sentido de “fim dos tempos”.

Em síntese, o excerto 3 apresenta novas formulações sobre a igreja, o lar, a comunhão com Deus, o espaço virtual, a comunidade, que passou a funcionar fazendo trabalhar o acontecimento “em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar” (Pêcheux, 2015 [1983], p. 19). Desse modo, “lar” passou a significar igreja (templo) e os membros dessa igreja são, agora, a “comunidade virtual”.

Vejamos, agora, o próximo excerto que é parte de uma publicação da Igreja Universal do Reino de Deus.

Excerto 4: Um dos sinais do Fim dos Tempos é a aparição de novas doenças capazes de dizimar a população mundial. O Senhor Jesus, quando falava sobre os sinais que antecederão ao fim, aos discípulos, **afirmou que doenças estariam presentes.** [...] É fundamental que o ser humano esteja **preparado para o momento em que o Senhor Jesus voltará e o fim do mundo acontecerá.** Para se preparar, participe de **uma reunião em uma Universal**, nesta quarta-feira, na Escola da Fé Inteligente, e **mantenha sua salvação em dia** (Dias, 2020, p. 2, grifos nossos).

No excerto acima, há a materialização do pré-construído de que o mundo terá um fim, e que tal evento será marcado por muitos sinais, dentre eles, males, sofrimentos e doenças. Ainda de acordo com o excerto, o fim dos tempos ocorrerá com a volta de Jesus, e a humanidade não está preparada para este momento. Segundo o excerto, essa preparação deve ser feita por meio da participação em reuniões da igreja Universal. O enunciado segundo o qual é fundamental que o ser humano esteja preparado para o evento da volta de Cristo faz funcionar o efeito-sentido de que estar preparado é estar em conexão com Deus. E essa salvação será alcançada com a participação nas reuniões da IURD. Vale salientar que, quando o sujeito religioso diz que a pandemia do novo coronavírus é “um dos sinais do Fim dos Tempos”, ele faz referência, por um jogo entre memória e atualidade, à Bíblia, pois retoma os sentidos da anunciação do momento final, “sinais do Fim dos Tempos”, presentes no Novo Testamento, especificamente no livro de *Apocalipse*. Nesse caso, a memória discursiva emerge como se tivesse origem no próprio sujeito religioso, marcado linguisticamente no excerto sob análise. Assim, a memória discursiva surge do interdiscurso sob a forma de pré-construídos mobilizados por esse sujeito religioso. Desse modo, o sujeito do discurso materializado nesse excerto identifica-se com a posição-sujeito religiosa que adere ao discurso escatológico acerca da pandemia de COVID-19. Nesse sentido, podemos afirmar que, nessa formulação, está em funcionamento um discurso escatológico, pois, a COVID-19 é discursivizada como sendo um dos sinais que anuncia o fim de uma era, ao mesmo tempo em que apresenta a salvação, encontrada nas reuniões da IURD, como meio para se alcançar a vida eterna. A imagem que emerge do sujeito de discurso, que pertence a essa FD, é de alguém que exorta e instrui, papel atribuído, no meio evangélico, aos pastores. Justamente porque exorta e instrui é que ele pode dizer o que é “fundamental para o ser humano” e pode também convocar seu leitor a participar de uma reunião da IURD. Nesse sentido, a imagem do leitor desse texto é de alguém que precisa ser convocado a “manter sua salvação em dia”.

Vejamos o próximo excerto.

Excerto 5: A pandemia gerada pela COVID-19 tem mexido com os nossos relacionamentos porque, em um mundo quebrado como o nosso, relacionamentos sempre **sofreram com os efeitos da Queda. O Coronavírus é apenas um lembrete de que o pecado trouxe barreiras sociais** resultando em desajustes em nossas sociabilizações (inveja, ira, irresponsabilidades), idolatrias de relacionamentos (namoro, trabalho, família) e falta de satisfação nessas relações (descontentamento). **Pecado** é muito maior do que Coronavírus e ele tem nos afetado socialmente desde a **Queda**(Campos Júnior, 2020, p. 1, grifos nossos).

O excerto acima faz parte de uma publicação feita no site oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. No excerto, vemos marcado o lugar do evangélico presbiteriano que, segundo lemos em outro trecho do texto, busca “provocar uma reflexão teológica sobre a comunhão entre os membros da comunidade cristã em tempos de pandemia”. A imagem do sujeito subjetivado nesse lugar discursivo é de alguém que instrui, exorta, explica, mas também se coloca como membro da comunidade, por isso o uso de expressões como: “nossos relacionamentos”, “quebrado como o nosso” e “nossas sociabilizações”. E sujeito leitor desse texto é convocado a assumir a posição-sujeito de alguém que teve seus relacionamentos afetados, que vive em um mundo “quebrado”, que faz parte de sociabilizações desajustadas e que, por tudo isso, vive em constante “descontentamento”. Trata-se, em suma, de um sujeito que acredita que o pecado tem nos afetado socialmente desde a “Queda” e que isso é muito mais grave do que o Coronavírus. O texto apresenta a pandemia gerada pela COVID-19 como consequência da **Queda**, ou seja, há a materialização do efeito-sentido de que o mal e o sofrimento são consequências do pecado, parafraseado como **Queda**, cometido pelo homem. Essa relação da pandemia com o pecado é marcada linguisticamente na formulação “é apenas”, quando o sujeito religioso aponta para a doença do novo coronavírus como “apenas um lembrete de que o pecado trouxe barreiras sociais”.

Há, nesse excerto, uma relação entre memória e atualidade, pois o efeito-sentido nele materializado se dá por meio do retorno e, ao mesmo tempo, da atualização de uma memória acerca de dizeres já cristalizados no interdiscurso do campo religioso. Segundo tal memória, toda crise e sofrimento vivenciados pela humanidade são vistos como resultado da queda do homem, indicada, de acordo com o discurso materializado no excerto cinco, na Bíblia, principalmente no livro do *Gênesis*, do Velho Testamento. Esse livro narra, dentre outras coisas, a desobediência de Adão e Eva a Deus. Há, portanto, o efeito-sentido de que a crise sanitária de COVID-19 é resultado do pecado da humanidade e não se dá devido nem a fatores sanitários nem ao alto grau de transmissibilidade do vírus entre humanos. Há, portanto, um apagamento do dizer da ciência, o que aponta para materialização de um discurso anticientífico.

O excerto analisado abaixo foi coletado em um Boletim Dominical, da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife:

Excerto 6: A estratégia de contenção de propagação do vírus impôs outro grande **desafio**, que são seus **inevitáveis efeitos colaterais sociais**, sendo o **mais nítido a degradação da economia**, que apenas começava a se

recuperar após anos de estagnação. [...] A mídia claramente não goza da credibilidade que outrora desfrutava. “Testemunhamos nesses dias, até mesmo, a **triste politização e endeusamento da ciência**. Dentro da comunidade científica, inclusive, **que poderia e deveria se apresentar de forma mais objetiva, há conflitos de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia**. O ambiente político, por sua vez, está **contaminado por uma infundável luta ideológica** e de poder que torna difícil para o brasileiro comum viver “vida tranquila e mansa”, em oração, como nos manda a Escritura” (Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, 2020, p. 1, grifos nossos).

O excerto acima apresenta orientações para que a igreja continue orando pelo país. Nele, o sujeito religioso lamenta “a degradação da economia, que apenas começava a se recuperar após anos de estagnação”, critica a mídia e a comunidade científica, por não gozarem de “credibilidade”, dificultando que se encontre soluções para os problemas do país e refere-se à “politização” e ao “endeusamento” da ciência.

Por meio da oração explicativa “que são seus inevitáveis efeitos colaterais”, o sujeito religioso materializa o discurso de que os desafios são efeitos colaterais inevitáveis da pandemia. Portanto, não há como fugir deles. Nesse caso, isenta-se o governo da crise econômica, e, por extensão, de outros “efeitos colaterais” supostamente “inevitáveis”, como, por exemplo, as mortes causadas pela crise sanitária de COVID-19. Vemos também que a formulação “que apenas começava a se recuperar após anos de estagnação” materializa um efeito de sustentação que estabelece uma relação com o discurso segundo o qual a economia estava se recuperando, mas também foi afetada pelos “efeitos colaterais inevitáveis”, que surgiram a partir da “estratégia de contenção de propagação do vírus”. Esse tipo de estratégia linguístico-discursiva funciona como suporte do pensamento de uma outra proposição, o que se dá por meio de uma relação de implicação entre duas propriedades. Pêcheux chama essa relação de *efeito de sustentação*. De acordo com o autor “a articulação de asserções, que se apoia sobre o que chamamos o ‘processo de sustentação’ constitui uma espécie de *retorno de saber no pensamento*” (Pêcheux, 2014a [1975], p. 101-102, grifos do autor). Portanto, a informação dada pela explicativa corresponde a uma informação já pressuposta e que, portanto, não pode ser contestada.

Além disso, o excerto acima materializa um discurso segundo o qual o Brasil vivia, antes do governo Bolsonaro, uma crise econômica, e que, somente agora, com o atual governo, o país se recuperava dessa “degradação econômica”. Materializa, portanto, uma imagem do sujeito político Jair Bolsonaro como agente da mudança do país, conforme indica a formulação “que apenas começava a se recuperar”. O excerto materializa também o efeito-sentido segundo o qual nem a mídia nem a comunidade

científica merecem credibilidade em relação às informações/notícias sobre a pandemia de COVID-19. Nesse sentido, a expressão “a mídia claramente não goza de credibilidade que outrora desfrutava” indica que a mídia perdeu a credibilidade e produz o efeito-sentido de que as informações sobre a COVID-19 são falsas, materializando, assim, um discurso negacionista⁵. Por outro lado, a expressão “triste politização” faz funcionar um discurso acusatório em relação à ciência, que é apresentada como parcial, uma vez que, ainda segundo o texto, “há conflito de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia”. A oração explicativa “que poderia e deveria se apresentar de forma mais objetiva” materializa um efeito de sustentação que ratifica o discurso segundo o qual a ciência não é suficientemente objetiva. Tal efeito se mostra na relação estabelecida entre a afirmação implícita de que a ciência não é objetiva e a existência de conflitos de interpretação, o que se materializa por meio do seguinte enunciado: é porque a ciência não é objetiva que há conflitos de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia.

Vemos, também, que o sujeito religioso, ao usar a expressão “endeusamento da ciência” retoma a memória segundo a qual Deus é resposta e solução para todos os questionamentos e, por isso, a ciência não pode “tomar” o lugar que cabe a Deus. Nesse sentido, essa formulação indica a materialização do discurso do fundamentalismo religioso⁶, pois produzir efeitos-sentido que colocam Deus numa posição superior, estando acima, inclusive, da ciência.

Há, portanto, nos discursos fundamentalistas, uma supervalorização do sagrado e uma defesa veemente das “verdades” metafísicas, o que explica, no excerto sob análise, a crítica a um suposto “endeusamento da ciência”, já que, para o discurso fundamentalista, tudo que tenta tomar o lugar de Deus deve ser repellido e abominado. Vejamos, agora, outro excerto que é parte de uma publicação no site oficial da IURD, cujo título e subtítulo são, respectivamente: “Pânico que mata: suicídios por medo do coronavírus” e “sensacionalismo da mídia sobre COVID-19 causa mortes em diversos países”.

⁵ DE ACORDO COM HELCIRA LIMA, O NEGACIONISMO CIENTÍFICO “[...] TEM COMO PROPÓSITO NÃO SIMPLEMENTE REVISAR, PASSAR A LIMPO ALGUM EVENTO HISTÓRICO OU UMA DESCOBERTA CIENTÍFICA, MAS, SOBRETUDO, NEGÁ-LOS A PARTIR DE DETERMINADOS VALORES E CRENÇAS PESSOAIS. HÁ NELE UM DESEJO DE FAZER PARECER QUE O TEMA EM JOGO SE TRATA DE ALGO FALSO, MENTIROSO, A PARTIR DE UMA APARÊNCIA DE RACIONALIDADE. SÃO APRESENTADOS SUPOSTOS FATOS, VERSÕES DE OBRAS REVISADAS, GRÁFICOS, ARTIGOS, NO INTUITO DE CRIAR UM EFEITO DE ALGO CREDÍVEL. OS EFEITOS DE REAL VISAM CONFERIR CREDIBILIDADE AO DISCURSO (LIMA, 2020, p. 391).

⁶ Sobre o fundamentalismo, Daniel Rocha afirma que: Quando nos referimos a ‘fundamentalismo histórico’, falamos de um movimento religioso, protestante e norte-americano, que surgiu em oposição ao liberalismo/modernismo teológico e defendia uma concepção de inerrância do texto bíblico. Ele se caracteriza, essencialmente, pelo conservadorismo teológico, pelo conservadorismo moral, pelo conservadorismo político, pelo patriotismo e por uma perspectiva escatológica dispensacionista (Rocha, 2020, p. 467).

Excerto 7: [...] grande parte da mídia segue utilizando um tom sensacionalista para se referir à pandemia. E o sensacionalismo causa mortes. [...]. É muito importante que sejam tomados os cuidados recomendados pelo Ministério da Saúde. Um desses cuidados, inclusive, é parar de assistir obsessivamente aos noticiários sensacionalistas sobre o COVID-19. [...] “Fé é certeza”, relata o Bispo Macedo. “Assim como a dúvida é resultante da ação de um espírito maligno, a fé inteligente é a ação do Espírito de Deus. Quem n’Ele crê não tem medo nem se intimida diante dos desafios da vida. Ao contrário: **duvida do sucesso do mal.** Isto é, **duvida da própria dúvida!**” [...] **Se você está com medo do Coronavírus e não sabe como despertar essa fé dentro de si**, acesse agora mesmo o Pastor Online e **converse com alguém que está preparado para lhe tranquilizar e mostrar a força da fé em Deus** (Batista, 2020, p. 3-4, grifos nossos).

No excerto 7, o termo “sensacionalista” materializa um discurso segundo o qual a mídia, além de espetacularizar a pandemia, causa mais mortes do que a própria COVID-19. E, que, para evitar mortes durante a pandemia, é necessário que as pessoas deixem de assistir “obsessivamente” aos noticiários, pois, os noticiários causam medo e o medo causa morte. Dessa forma, a mídia é discursivizada como sensacionalista e há a materialização do efeito-sentido de que o medo, causado pela mídia, é responsável pelas mortes durante a pandemia. Além disso, o uso do termo “sensacionalismo” desqualifica as informações acerca da crise sanitária e produz, também, o efeito-sentido de que as informações acerca da crise sanitária de COVID-19 não são verdadeiras. Desse modo, vemos, mais uma vez, a materialização do discurso negacionista acerca da referida crise sanitária.

O texto diz que “a dúvida é resultante da ação de um espírito maligno, a fé inteligente é a ação do Espírito de Deus”. Esse enunciado produz o efeito de que a fé legítima é aquela que não confere credibilidade à pandemia e faz emergir o pré-construído de que existe uma fé não inteligente, e ela seria resultado da dúvida daquele que tem medo e acredita na pandemia de COVID-19. Com isso, o sujeito religioso coloca em oposição dois tipos de fé: a fé inteligente (divina), que é aquela que, segundo o discurso materializado no texto, traria imunidade à doença e não daria a ela credibilidade; e a fé não inteligente (maligna). Ainda segundo o excerto, o cristão que tem essa fé maligna acredita na mídia e na força da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Desse modo, no enunciado “a dúvida é resultante da ação de um espírito maligno”, o termo “maligno” retoma uma memória de medo, uma vez que o termo “espírito maligno” vincula-se, por um efeito da memória sobre a atualidade, a outros termos como “diabo”, “demônio”, etc., os quais provocam sentimentos de temor nos

fiéis. Isso porque, segundo o cristianismo, o maligno está associado à figura de satanás e diretamente relacionado ao pecado. Assim, ao associar o Coronavírus ao maligno, o excerto sob análise faz funcionar uma relação segundo a qual o medo de ser contaminado pela COVID-19 é resultado da falta de fé “inteligente” e a única maneira de estar imune à doença seria confiar inteiramente (ter fé) no mundo espiritual. Além disso, ainda segundo o excerto, para que a fé “inteligente” e imunizadora seja fortalecida, o leitor pode consultar o pastor Online da referida igreja, o qual funcionaria, ainda segundo o discurso materializado no excerto, como um serviço essencial para lidar com a COVID-19. Dessa forma, sem nenhum embasamento científico, o discurso materializado no excerto acima, que trata da doença como algo que pode ser revertido pela fé, materializa tanto o discurso anticientífico, quanto o discurso negacionista, pois nega a existência da gravidade da doença, apresentando-a como uma “pandemia de medo”.

Em apertada síntese, podemos afirmar que, no excerto 7, não há nenhuma definição científica a respeito do novo coronavírus, contrariando, assim, as orientações da OMS e materializando um discurso anticientífico e negacionista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados apresentados e analisados, concluímos que a crise sanitária de COVID-19 se inscreve em uma rede de memória que a relaciona a outros acontecimentos pandêmicos. Concluímos também que a referida crise sanitária inaugura uma nova rede de formulações, no campo religioso, provocando uma desestabilização ao romper com sentidos cristalizados acerca da igreja, do mundo virtual, da comunhão com Deus, e os deslocam para novos lugares enunciativos como: igreja do lar, igreja doméstica, comunidade virtual. Além disso, a pandemia de COVID-19 inscreve-se em uma rede de memória, que é da ordem do religioso, que a vincula ao pecado, ao juízo de Deus sobre a humanidade e às provações. Essa memória, retomada e atualizada pelo acontecimento discursivo pandêmico, instaura o discurso anticientífico, negacionista e fundamentalista acerca da referida crise sanitária. Assim, ao mesmo tempo em que a pandemia de COVID-19 está vinculada a uma memória, também instaura o novo, o que indica que o acontecimento histórico da pandemia de COVID-19 configura-se também como um acontecimento discursivo no campo religioso, pois instaurou novos dizeres, novos sentidos e permitiu deslizamentos de sentidos. Essa movência de sentidos funciona na relação com diferentes posições-sujeito, as quais são, como vimos aqui, historicamente definidas.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A. Pânico que mata: suicídios por medo do coronavírus. **Universal**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/panico-que-mata-suicidios-por-medo-do-coronavirus/?amp>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BÍBLIA, N.T. Atos. Português. In: **Bíblia Online NAA**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/naa/atos/17>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BÍBLIA.COM. **O que representavam as 10 pragas e quais deuses do Egito foram atingidos?** Disponível em: <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/o-que-representavam-as-10-pragas-do-egito-e-quais-sao-os-deuses-que-estao-relacionados-com-elascd/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CAMPOS JÚNIOR, H. C. Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, Higienópolis, jan. 2020. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/ciencias-contabeis/noticias-e-eventos/default-title-1/arquivo-1/n/a/i/em-tempos-de-pandemia-como-fica-a-comunhao>. Acesso em: 12 dez. 2021.

COSTA, D. V. O Evangelho de Jesus e a tecnologia digital. **CNBB**, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-evangelho-de-jesus-e-a-tecnologia-digital/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

DIAS, R. Coronavírus alerta para mais um sinal do Fim dos Tempos. **Universal**, 28 jan. 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/coronavirus-alerta-para-mais-um-sinal-do-fim-dos-tempos/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30020>. Acesso em: 10 jan. 2022.

INSTITUTO BUTANTAN. **Antes da Covid-19: conheça 3 doenças que também fizeram o mundo tremer neste século**. [2021?]. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/antes-da-covid-19-conheca-3-doencas-que-tambem-fizeram-o-mundo-tremer-neste-seculo>. Acesso em: 12 dez. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. **Qual a diferença entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade?** [2020?]. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 12 dez. 2021.

LIMA, H. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 389-408, out. 2020. p. 389-408. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1758/1944>. Acesso em: 12 dez. 2021.

O TEMPO. **A Igreja: Corpo de Cristo**. 2014. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaopastor-marcio-valadao/a-igreja-corpo-de-cristo-1.772853>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ORLANDI, E. L. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020 [1999].

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a [1975].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **Apresentação da análise automática do discurso (AAD69): teoria, procedimentos, resultados, perspectivas**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1969].

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso: (AAD-69)**. In.: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1983].

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In.: ACHARD, Pierre *et al.* (org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999 [1983].

PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE RECIFE. **Pela pacificação da nação em meio à pandemia**. **Boletim Dominica**, n. 19, ano 142, 17 maio. 2020.

ROCHA, D. Sob o estigma do fundamentalismo: algumas reflexões sobre um conceito controverso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 18, n. 56, p. 455-484, maio/ago. 2020. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p455. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/24126/17741>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SANARMED. **Pandemias na História: o que há de semelhante e de novo na Covid-19**. Publicado em 08 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>. Acesso em: 12 jan. 2022.